



Nova personalidade

Pesquisador da USP reconhece mudanças no papel do professor em sala de aula, mas não crê na extinção

» OLÍVIA MEIRELES

O sistema educacional vigente nas escolas brasileiras foi projetado para englobar alunos que não existem mais. A nova geração de crianças e adolescentes está acostumada a dividir a atenção entre diferentes tarefas ao mesmo tempo. A educação tradicional centrada no professor não estimula esse aluno tecnológico. Por isso, o corpo docente brasileiro vem se organizando e estudando para alterar a dinâmica em sala de aula. O pesquisador José Manuel Moran, professor aposentado da Escola de Comunicações e Artes da USP, se transformou em uma das grandes referências sobre o assunto no Brasil. Hoje atua como consultor e orientador de projetos de educação a distância. “As tecnologias começam a libertar o professor de ter que explicar o que é básico. Precisamos dele para questões mais avançadas, para que ajude a cada aluno no seu percurso”, acredita.



USP/Divulgação

Os métodos educacionais usados hoje em dia são capazes de despertar o interesse de uma geração que cresceu com tecnologia?

O sistema tradicional, que privilegia a transmissão de informações pelos professores, fazia sentido quando o acesso à informação era difícil. Com a internet e a divulgação aberta de muitos cursos e materiais, podemos aprender em qualquer lugar, a qualquer hora e com muitas pessoas diferentes. A escola padronizada, que ensina e avalia a todos de forma igual e exige resultados previsíveis, ignora que a sociedade do conhecimento é baseada em competências cognitivas, pessoais e sociais.

O papel do professor dentro de sala está mudando?

O papel do professor é mais o de curador e de orientador. Curador,

que escolhe o que é relevante entre tanta informação disponível e ajuda a que os alunos encontrem o que procuram. Curador, no sentido também de cuidador: ele é atento a cada um, dá apoio, acolhe, estimula, valoriza e inspira. Orienta a classe, os grupos e cada aluno. Ele tem que ser competente intelectualmente, afetivamente e gerencialmente (ministrar aprendizagens múltiplas e complexas). Isso exige profissionais mais bem preparados, remunerados, valorizados.

Como os professores estão se preparando para essa nova geração?

Encontramos nas instituições educacionais um número razoável de professores que estão experimentando estas novas metodologias e compartilham o que aprendem em rede. O que predo-

mina, no entanto, é uma certa acomodação, repetindo fórmulas num mundo que exige criatividade e capacidade de enfrentar desafios complexos. Há também um bom número de docentes e gestores que não querem mudar, que se sentem desvalorizados com a perda do papel central como transmissores de informação.

Como muda a dinâmica dentro da sala de aula? Entre alunos e professores?

O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, entre o mundo físico e o mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla constantemente. Por isso a educação formal é cada vez mais híbrida, porque não acontece só no espaço fí-

sico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano, que incluem os digitais. O professor precisa seguir comunicando-se face a face com os alunos, mas também digitalmente.

Qual é a melhor maneira de mesclar a tecnologia com a metodologia de ensino?

Um dos modelos mais interessantes de ensinar hoje é o de concentrar no ambiente virtual o que é informação básica e deixar para a sala de aula as atividades mais criativas e supervisionadas. É o que se chama de aula invertida. A combinação de aprendizagem por desafios, problemas reais, jogos. É muito importante para que os alunos aprendam fazendo, aprendam juntos e aprendam, também, no seu próprio ritmo. Para gerações acostumadas a desafios e competição, cooperação é atraente.